

# SINTO VONTADE DE VOLTAR, SÓ NÃO SEI PARA ONDE<sup>12</sup>

Virgilio Cesar de Mello Libardi – PGCS - UFES

Maria Cristina Dadalto – PGCS - UFES

## RESUMO

A fotógrafa jordaniana Tanya Habjouqa por meio do audiovisual *Syria via WhatsApp* é capaz de provocar emoções diversas nos espectadores em pouco mais de três minutos de duração. O filme é baseado em narrativas personalizadas nas quais são demonstradas as experiências vividas por um pequeno número de indivíduos para enfatizar uma questão social mais ampla. Ao rever diversas vezes a pungência das imagens aliadas aos fragmentos de mensagens de voz, é possível refletir que os mesmos instrumentos digitais que nos permitem acessar informações sobre a situação de milhões de pessoas que se deslocam para longe do conflito sírio, são utilizados também pelos refugiados para manter contato com seus familiares, criar e/ou participar de comunidades que possam auxiliar no processo migratório ou até mesmo para registrarem suas próprias histórias. É nesse cenário e a partir do curto vídeo de Habjouqa que somos provocados a mirar no quase interminável material que circula nas redes e que podem servir de insumo de pesquisa no escopo das ciências sociais. Nesse sentido, propomos uma análise da condição dos imigrantes em uma perspectiva antropológica a partir das imagens e dos relatos contidos em *Syria via WhatsApp*.

Palavras chave: Redes digitais, Síria, Refugiados

## 1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a migração internacional originava um distanciamento daqueles que se deslocavam de suas comunidades originais provocada pelas estruturas comunicacionais de contextos históricos. Cartas que navegavam em vapores cruzando

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Este artigo é resultado da pesquisa iniciada no Doutorado do primeiro autor, com financiamento do Fundo de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo - FAPES.

mares, raras linhas telefônicas, custos etc. são exemplos desta situação. De todo modo, o contato era precário, demorado e oneroso, acarretando um gradativo afastamento de suas origens e constituindo uma forma de desenraizamento causado pelo abrupto corte dos laços culturais.

A transformação desse cenário com a emergência da internet, criação e ampliação das redes sociais que possibilitam tecnologias diversas de manutenção dos vínculos familiares e de amizades com quem ficou no lugar de partida mudou a configuração sociocultural do passado. Plataformas de mensageria, como *WhatsApp* e *Telegram*, *Youtube*, *Facebook*, *Instagram*, *Tik Tok* dentre outras, permitem fluxos intensos e contínuos entre quem ficou e quem partiu por meio de aparelhos portáteis e interconectados (DEKKER; ENGBERSEN, 2014).

A evolução das mídias sociais digitais, aliada à onipresença dos *smartphones*, transformou sobremaneira o papel dos usuários que passaram de consumidores para produtores ativos das mais variadas espécies de conteúdo. Esta transformação tecnológica é de fundamental importância para aqueles que se encontram dispersos geograficamente manter seus laços socioculturais com famílias, amigos e conhecidos. E, em consequência, a construção de nova sociabilidade fundada pela mediação das redes sociais conserva laços que os apoia em momentos de solidão, medo, conflito e saudades de sua história.

Por meio dos *smartphones* os refugiados sírios, recorte de nosso *paper*, podem receber informações no mesmo momento da situação dos conflitos e da crise migratória da Síria provocada pela Guerra Civil que vem se estendendo desde 2011, a exemplo. Por meio desses aparelhos tecnológicos os refugiados também se apoiam e se guiam no percurso do deslocamento migratório, em geral cercado de perigos sem fim, especialmente se o indivíduo está indocumentado.

Os *smartphones* tanto são operados por quem fica quanto por quem parte. Aplicativos indicam a rota migratória mais segura e possíveis pontos de apoio ao longo do caminho (ZIJLSTRA; LIEMPT, 2017) na trajetória do deslocamento, pais acompanham filhos na rota de uma nova vida. Os aplicativos também têm outros usos, como para fornecer ajuda baseada em terapia cognitivo-comportamental para mitigar estresse pós-traumático (RÖHR, et al., 2021).

Contudo, Gillespie et al (2016) alertam para os riscos no uso dos *smartphones*, pois podem expor os migrantes que passam a proteger suas identidades digitais e

informações sobre rotas. Mas a compreensão das ameaças também motiva a construção de estratégias de proteção com o uso de plataformas criptografadas, como é o caso do *WhatsApp*.

Mancini et al (2019) estudaram entre 2013 e 2018 as mudanças provocadas pelos *smartphones* na experiência da migração forçada de sírios e apontam que cerca de 84% dos refugiados compartilham informações sobre suas movimentações por meio de aplicativos como *WhatsApp* e que cerca de 42% o faz todos os dias. Eles argumentam que os refugiados têm se tornado cada vez mais consumidores e produtores de conhecimento digital. Fato que proporciona mais autonomia ao traçar suas rotas na árdua batalha em busca de segurança em países vizinhos ou na Europa. Em acréscimo, esses aplicativos auxiliam na preservação do vínculo entre os migrantes e seus familiares.

## 2. SYRIA VIA WHATSAPP

Tanya Habjouqa se inspira nessa manutenção entre familiares, amigos, outros refugiados quase que diária para produzir o audiovisual *Syria via WhatsApp*. Nele justapõe imagens feitas por ela própria e por mensagens de voz trocadas pelo aplicativo mensageria. São imagens fortes que envolvem retratos de pessoas mutiladas ou portando cicatrizes aterrorizadoras em homens, mulheres e crianças, amenizadas por falas de amor, canções de ninar e esperança de voltar a reunir a família. Nas imagens fica patente a importante relação quase que afetiva construída entre as esposas, maridos e filhos dos refugiados com os aparelhos celulares. Naquele aparato tecnológico reside a esperança de um reencontro e de um futuro mais apaziguado.

A estratégia de Habjouqa de utilizar a troca de conversas íntimas de áudio impregnou o audiovisual de emoção e provocou um desvio da dureza congelada que as fotografias nos apresentam. Trazer a narrativa dos próprios atores envolvidos naquele processo tem um importante papel na construção e manutenção dos vínculos emocionais, mesmo de quem não vive aquela situação.

Como resultado, a interação acionada entre fotografia e áudio de uma experiência tão ímpar mobiliza novos engajamentos, constitui-se em importante ferramenta para abordar temas sociais (WAHL-JORGENSEN, 2019) que não dizem respeito apenas aos sírios, deslocados ou não de sua origem. Além de possibilitar a efervescência de

movimentos ativistas de direitos humanos e que merecem um tratamento mais amplo e compartilhado como problema global da humanidade.

*Syria via WhatsApp* acena para a viabilidade de performances múltiplas, por meio da sensibilidade fotográfica nas ciências sociais, em especial na antropologia, de compreender as relações construídas e mantidas em e pelas redes digitais. Parece infindável o material comunicacional e registros de histórias pessoais por meio de vídeos e fotografias capazes de fazer emergir possibilidades etnográficas e biográficas. Vale dizer que não há mais como separar o *off-line* do *on-line*, tamanha é a intensidade de socialização que são construídas através dessas redes, constituindo um presente *onlife* (FLORIDI, 2019).

Tanya é uma fotógrafa renomada e premiada, tem como temas principais de seus ensaios fotográficos, questões de gênero, identidade e sociopolítica do oriente médio. Ela é nascida na Jordânia e criada entre o Texas e o Oriente Médio. Atualmente reside em Jerusalém. Como fotojornalista, era constantemente designada para cobrir as consequências da crise síria.

Como sempre havia material fotográfico excedente dessas coberturas, ela decidiu colocar em circulação essas imagens, porém em outra perspectiva ao perceber o que definia a vida daquelas pessoas: a ausência, isso tanto de pessoas como de lugares. É a partir dessa percepção que Tanya começou a contar com a colaboração dos seus retratados gerando o projeto *Tomorrow There Will Be Apricots*<sup>3</sup> (*Amanhã haverá damascos*), do qual o vídeo *Syria via WhatsApp* é um capítulo.

Ao analisar o curta-metragem fica atestado de forma tácita o envolvimento e o convívio próximo da autora com os seus fotografados e a abordagem dada por ela, que provavelmente advém da sua formação em antropologia. As imagens alternam-se entre tristeza da fisionomia, as marcas corporais provocadas pelos conflitos e os momentos de contato com os que se refugiaram.

Normalmente maridos e/ou filhos mais velhos são os primeiros a se deslocarem em busca do refúgio, para então, após a estabilização nos países de chegada, as mulheres e crianças seguirem o caminho para o reagrupamento familiar. Apesar de nem sempre ser

---

<sup>3</sup> <https://www.noorimages.com/tomorrow-there-will-be-apricots>

possível o reencontro. Os áudios que compõem a trilha têm duas funções extremamente importantes e que selecionamos destacar.

A primeira, já mencionada, é encharcar o audiovisual de afetividade, de forma que a emoção ali contida propicie sentimento no expectador de compaixão, de compreensão da dor. Quando são ouvidas as mensagens singelas que perguntam “o que você comeu hoje, pai? ” Ou “Espero que você esteja indo à escola. Seja uma boa aluna, hein?”, nos aproximamos ainda mais daquelas pessoas e passamos a compreender o sofrimento e, a depender do indivíduo, nos engajamos multiplicando a circulação do vídeo na rede.

A segunda é a proposta de Tanya Habjouqa, co-fundadora do coletivo fotográfico *Rawiya* (traduzindo do árabe: “aquelas que contam histórias”) e o primeiro formado exclusivamente por mulheres árabes, que é mudar a forma como os ocidentais olham para os árabes, numa tentativa de diminuir as relações odiosas e xenofóbicas. Ao atentarmos para as imagens e para os áudios de *Syria via WhatsApp*, presenciamos momentos de amor, carinho, compaixão, cuidado, delicadeza e, acima de tudo, de esperança de retorno.

### 3. O CONFLITO

O vídeo de Tanya Habjouqa aborda um assunto muito caro para a comunidade internacional. O conflito na Síria teve início em março de 2011, no sul do país, na cidade de Deraa com manifestações pró-democracia, contra a falta de liberdade política e questionando a alta taxa de desemprego, um movimento que teve como inspiração os levantes em países árabes contra governos opressores, o que ficou conhecido como Primavera Árabe.

Os partidários da oposição se armaram e o presidente Bashar al-Assad se empenhava em discursar que esmagaria todos os opositores. Com isso, vários grupos rebeldes surgiram e após o agravamento da situação, algumas potências mundiais declararam posição, a favor ou contra o regime de Assad, e passaram a enviar recursos financeiros e bélicos, além de soldados. De um lado, aconteceu o envolvimento de grupos jihadistas extremistas (Al-Qaeda e Estado Islâmico), de outro os curdos também interferiram, passando a ocupar e administrar territórios ocupados pelas forças de oposição ao regime sírio, aumentando a tensão interna e externa (ACNUR, 2022).

De acordo com a ONG Observatório Sírio para Direitos Humanos, um grupo com base no Reino Unido, até dezembro de 2020 foram registradas cerca de 500 mil mortes no conflito, em torno de 160 mil eram civis, das quais 25 mil eram crianças. Mais da metade dos 22 milhões de habitantes da Síria saíram de suas casas, cerca de 7 milhões deslocaram-se internamente, dos quais 2 milhões vivem em acampamentos. Outros quase 7 milhões são refugiados ou solicitantes de refúgio em outros países. Principalmente nos países vizinhos, Turquia, Líbano e Jordânia. Trata-se de um dos maiores fluxos migratórios já registrado na humanidade (BBC NEWS BRASIL, 2020).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrevemos que as redes comunicacionais digitais se configuram em ferramentas indispensáveis ao longo do processo migratório, por diversas razões que vão desde acompanhar as notícias dos fatos dos quais estão escapando, para determinar rotas e redes de apoio ao longo do trajeto, buscar apoio logístico ou médico das diferentes redes de apoio existentes e manter informadas as pessoas com as quais mantém laços afetivos e que permaneceram em seu país.

Hoje as redes digitais e os *smartphones* convertem-se um importante território sociocultural, logo, em campo de trabalho dos antropólogos. Ou seja, sabemos da existência de material a ser pesquisado e aos poucos os métodos vêm sendo ajustados às novas possibilidades. *Syria via WhatsApp* se configura como uma pequena ponta de um gigantesco iceberg de conteúdo a ser trabalhado por cientistas sociais.

A relação de afeto impregnada “Tomorrow There Will Be Apricots”, do qual *Syria via WhatsApp* faz parte, nos aproxima de suas personagens em função da estratégia adotada de se colocar os próprios fotografados (e os ausentes) fazendo suas narrativas personalizadas, o que gera no expectador os mesmos desejos ali declarados.

Fica claro que a crise síria devastou todo um país. As vidas precisam ser refeitas em outras geografias, voltar às origens talvez não seja a melhor das opções no momento, mesmo que se sinta desejo de retorno, não seria para a terra destruída, mas rumo a reintegração familiar, seja lá onde for.

## 5. REFERÊNCIAS

DEKKER, Rianne; ENGBERSEN, Godfried. How social media transform migrant networks and facilitate migration. **Global Networks**, v. 14, n. 4, p. 401-418, 2014.

FLORIDI, Luciano. A era do Onlife, onde real e virtual se (com)fundem. **Revista IHU**. 2019.

GILLESPIE, Marie et al. **Mapping refugee media journeys: Smartphones and social media networks**. Paris: The Open University/France Médias Monde, 2016.

MANCINI, Tiziana et al. The opportunities and risks of mobile phones for refugees experience: A scoping review. **PloS one**, v. 14, n. 12, dez. 2019.

ONZE anos depois, a Síria continua sendo a maior crise de deslocamento forçado do mundo. **ACNUR Brasil**. Brasília, 15 mar. 2022.

POR QUE a guerra da Síria continua após 11 anos? **BBC News Brasil**, São Paulo, 15 mar. 2021. Internacional.

RÖHR, Susanne et al. A self-help app for Syrian refugees with posttraumatic stress (Sanadak): randomized controlled trial. **JMIR Mhealth Uhealth**, Toronto, v. 9, n. 1, p.1-21, 2021.

WAHL-JORGENSEN, Karin. **Emotions, media and politics**. Cambridge: John Wiley & Sons, 2019.

ZIJLSTRA, Judith; LIEMPT, Ilse van. Smart (phone) travelling: Understanding the use and impact of mobile technology on irregular migration journeys. **International Journal of Migration and Border Studies**, v. 3, n. 3, p. 174-191, 2017